

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS E ESLAVAS**

**ELEN FERNANDA DOS SANTOS RODRIGUES**

**VOZ PASSIVA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE AS LÍNGUAS  
PORTUGUESA E ÁRABE**

**RIO DE JANEIRO – RJ**

**2021**

**ELEN FERNANDA DOS SANTOS RODRIGUES**

**VOZ PASSIVA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE AS LÍNGUAS  
PORTUGUESA E ÁRABE**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Árabe.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suely Ferreira Lima (UFRJ)

RIO DE JANEIRO – RJ

2021

### CIP - Catalogação na Publicação

RR696v      Rodrigues, Elen Fernanda dos Santos  
              VOZ PASSIVA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE AS  
              LÍNGUAS PORTUGUESA E ÁRABE / Elen Fernanda dos  
              Santos Rodrigues. -- Rio de Janeiro, 2021.  
              27 f.

              Orientadora: Suely Ferreira Lima.  
              Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
              Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
              de Letras, Licenciado em Letras: Português - Árabe,  
              2021.

              1. Análise Contrastiva. 2. Voz Passiva em língua  
              árabe. 3. Voz Passiva em língua portuguesa. I. Lima,  
              Suely Ferreira, orient. II. Título.

ELEN FERNANDA DOS SANTOS RODRIGUES

DRE: 115067806

VOZ PASSIVA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE AS LÍNGUAS  
PORTUGUESA E ÁRABE

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Árabe.

Data de avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
NOTA: \_\_\_\_\_

Suely Ferreira Lima – Presidente da Banca Examinadora  
Professor Doutor - UFRJ

\_\_\_\_\_  
NOTA: \_\_\_\_\_

Paula da Costa Caffaro  
Professor Doutor - UFRJ

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas dos avaliadores: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

*Aos meus pais e filha, com todo amor*

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, pelo dom da vida, por ser meu guia e pela chance de poder aprender cada dia mais, me dando forças e coragem para seguir em frente em busca de meus sonhos.

À minha mãe, Maria Helena dos Santos Rodrigues, pelo seu amor e cuidado comigo, me encorajando a nunca desistir.

A meu pai, Fernando de Sousa Rodrigues (*in memoriam*), por tudo que fez por mim e por sempre dizer o quanto sentia orgulho de sua filha. Pai, minha eterna gratidão.

À minha filha, Ísis Rodrigues Lima, por ser paciente e ter de dividir sua mãe com os estudos e a David Lima, pelo cuidado e carinho durante essa jornada.

A meus professores e ex-professores do Setor de Estudos Árabes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em especial, à minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suely Ferreira Lima, por exigir de mim muito mais do que eu supunha ser capaz de fazer.

Aos bibliotecários e amigos da biblioteca José de Alencar, principalmente à bibliotecária-chefe Cila Borges, por me ensinar, acolher e me permitir fazer parte dessa equipe maravilhosa.

Aos meus amigos e familiares, pelo apoio e compreensão dados a mim, nos momentos em que me dediquei exclusivamente aos estudos.

A todos, meu eterno agradecimento.

## RESUMO

RODRIGUES, Elen Fernanda dos Santos. **Voz passiva:** uma análise contrastiva entre as línguas portuguesa e árabe. Rio de Janeiro, 2020. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras na habilitação Português/Árabe) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise contrastiva das vozes passivas da língua portuguesa e árabe com foco na modalidade escrita. O método de análise ocorreu a partir de leituras de gramáticas e estudos sobre o assunto nas duas línguas. O trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro aborda a configuração estrutural da voz passiva na língua portuguesa, sua morfologia, sintaxe e semântica; o segundo capítulo discute os meios utilizados para o uso da voz passiva árabe, assim como o emprego do agente em sentenças passivas; o terceiro capítulo discorre sobre o uso da voz passiva nas duas línguas em situações comunicativas diversas e do agente nestas construções. O que se descobriu nesta pesquisa foi que as línguas portuguesa e árabe possuem modos distintos de realizações quanto a forma passiva, porém apresentam suas correspondentes. A gramática árabe não permite expressar o agente em sua sentença, porém tem surgido estratégias para o uso do agente, com base em influências europeias. Contudo, existe uma forma dentro da própria língua que permite expressar o sujeito da ação na frase passiva e ainda assim, estar de acordo com as normas gramaticais, sem a necessidade de subterfúgios de línguas estrangeiras.

Palavras-chaves: Verbo. Passivo. Árabe. Português.

## **ABSTRACT**

RODRIGUES, Elen Fernanda dos Santos. Passive voices: a contrastive analysis between Portuguese and Arabic languages. Rio de Janeiro, 2020. Course completion paper (Licenciatura em Letras na habilitação Português/Árabe) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This final paper aims to make a contrastive analysis of the Portuguese and Arabic passive voices with a focus on the written modality. The method of analysis came about from reading on grammar and studies on the subjects in both languages. The work is divided into three chapters, the first one discusses the structural configuration of the passive voice in the Portuguese language, its morphology, syntax and semantics; the second chapter discusses the means used for the use of the Arabic passive voice, as well as the use of the agent in passive sentences; the third chapter discusses the use of the passive voice in both languages in different communicative situations and the agent in these constructions. What was found in this research was that Portuguese and Arabic languages have different ways of realizing the passive form, but they have their correspondences. Arabic grammar does not allow expressing the agent in its sentence, but strategies for the use of the agent have emerged, based on European influences. However, there is a form within the language itself that allows one to express the subject of action in the passive sentence and still be in accordance with grammatical norms, without the need for subterfuge from foreign languages.

Key words: Verb. Passive. Arabic. Portuguese.



## A TRANSLITERAÇÃO ADOTADA

Grafema árabe	Transliteração
ا	ā
ب	b
ت	t
ث	<u>t</u>
ج	j
ح	ḥ
خ	ḫ
د	d
ذ	<u>d</u>
ر	r
ز	z
س	s
ش	š
ص	ṣ
ض	ḍ
ط	ṭ
ظ	ẓ
ع	c
غ	ġ

Grafema árabe	Transliteração
ف	f
ق	q
ك	k
ل	l
م	m
ن	n
هـ	h
و	ū (vogal longa) w (semiconsoante)
ي	ī (vogal longa) y (semiconsoante)
ى	à
ء	,
ة	t (quando pronunciado entre duas vogais <sup>1</sup> )
ـُ	u (vogal breve)
ـِ	a (vogal breve)
ـِ	i (vogal breve)

---

<sup>1</sup> Quando não pronunciado, ao final de palavras, não será transliterado.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1. CONFIGURAÇÕES ESTRUTURAIS DA VOZ PASSIVA PORTUGUESA.....	14
2. AL-MABNĪ LIL-MAJHŪL – ESTRATÉGIA APASSIVADORA ÁRABE .....	17
3. O EMPREGO DAS ESTRATÉGIAS DE PASSIVIZAÇÃO NAS LÍNGUAS ÁRABE E PORTUGUESA E A QUESTÃO DO AGENTE .....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	25

## INTRODUÇÃO

A língua árabe, desde os primórdios da expansão árabe-muçulmana (séc. VII E.C.), convive com uma série de dialetos no vasto território onde ela é a língua oficial. No período conhecido como an-Nahda (traduzido como Renascimento), no final do século XIX, ela passou por uma revitalização para se adaptar aos novos tempos. Segundo Ryding (2005, p.4) essas modificações afetaram-na mais em termos lexicais que gramaticais. Atualmente é denominada, na sua modalidade escrita, como Árabe Moderno Padrão ou *Standard*, e serve como meio de comunicação para todo o povo dos mais de vinte e dois países que compõem o Mundo Árabe. Essa será a modalidade que servirá de base para a pesquisa neste trabalho que visa discutir os mecanismos de passivização nas línguas portuguesa e árabe, a partir de uma análise contrastiva em gramáticas das duas línguas.

A análise contrastiva permitirá fazer um comparativo do sistema da língua árabe e fazer um contraponto com a língua portuguesa, a fim de encontrar pontos de convergências e divergências, no que diz respeito a conceitos e terminologias, para que se esclareçam particularidades de ambas as línguas.

Como já mencionado, buscaremos em gramáticas e estudos sobre o assunto nas duas línguas os conceitos e exemplos que nortearão nossa pesquisa. Para o embasamento do estudo da voz passiva na língua portuguesa, utilizamos, dentre outros, Azeredo (2014) e Cunha e Cintra (2017); já para a língua árabe, foram utilizados os trabalhos de Agameya (2011), Haywood e Nahmad (1965), Yassin (1996) e Ryding (2005).

Construções ativas e passivas diferem semanticamente entre si, por mais que, a princípio, o conteúdo de ambas seja o mesmo, visto que na passagem de uma para outra acrescenta-se algum significado adicional. Assim, se nas construções com voz ativa o sujeito é o termo topicalizado, nas construções passivas, o termo topicalizado é o paciente, objeto da transitividade verbal. Em português, na passagem da voz ativa para a passiva, observa-se a presença de verbo auxiliar (ser) seguido da forma participial do verbo principal e do atributo semântico do sujeito de paciente afetado pelo processo expresso pelo verbo (AZEREDO, 2014, p.271). Assim em “Zayd foi golpeado por ‘Umru” o sujeito Zayd sofreu a ação de ser golpeado por ‘Umru.

Os gramáticos árabes não denominam as formas em que o sujeito é passivo de voz passiva e, por isso, vamos denominar neste trabalho as formas árabes que transmitem a ideia de voz, como “estratégia de passivização árabe”. Apesar de não analisarem essa relação agentiva do sujeito como “voz verbal”, a língua possui uma estratégia semelhante às línguas ocidentais, visto que, por meios flexional ou derivacional, tem como transformar o objeto em sujeito passivo. Em árabe, essa estratégia é denominada *al-mubnī lil-majhūl* (lit. a construção do (agente) ignorado), e, por causa dela, os gramáticos quando abordam o assunto, denominam-na de voz passiva, à moda das gramáticas ocidentais.

Para este fim, o trabalho está assim dividido: no capítulo I será discutido como se configuram as estruturas da voz passiva na língua portuguesa, analisando a sua morfologia, a sintaxe e seu uso semântico. No capítulo II, abordaremos as estratégias utilizadas na língua árabe para o uso da voz passiva, bem como o emprego do agente da passiva em uma sentença, visto que os gramáticos árabes não conhecem o conceito de voz utilizado nas línguas ocidentais, preferindo o uso de formas ativas em relação à forma passiva quando se quer expressar um agente. No capítulo III, será discutido o emprego da voz passiva das línguas portuguesa e árabe em diferentes contextos comunicativos e o uso do agente nessas estruturas. Por fim, teceremos algumas considerações com o objetivo de finalizar com os pontos discutidos durante o desenvolvimento do trabalho.

## 1. CONFIGURAÇÕES ESTRUTURAIS DA VOZ PASSIVA PORTUGUESA

Distinção de voz é uma característica possível em orações cujo verbo seja transitivo direto, visto que é “uma relação sintática (sujeito, complemento) e uma relação semântica (agente, paciente, instrumento) [...] é a forma sintática que o predicado assume para atribuir um papel semântico ao respectivo sujeito” (AZEREDO, 2014, P. 270), assim, somente sendo possível a existência desses elementos, com tais verbos. O português distingue três possibilidades de vozes para uma oração: a voz passiva, a voz ativa e a voz reflexiva, esta última não será objeto de nossa pesquisa, pois, como assinalado na Introdução, neste trabalho analisaremos apenas as duas primeiras possibilidades de vozeamento, ficando a voz reflexiva para um trabalho mais extenso baseado em análise de *corpus* a ser feito em pesquisas posteriores.

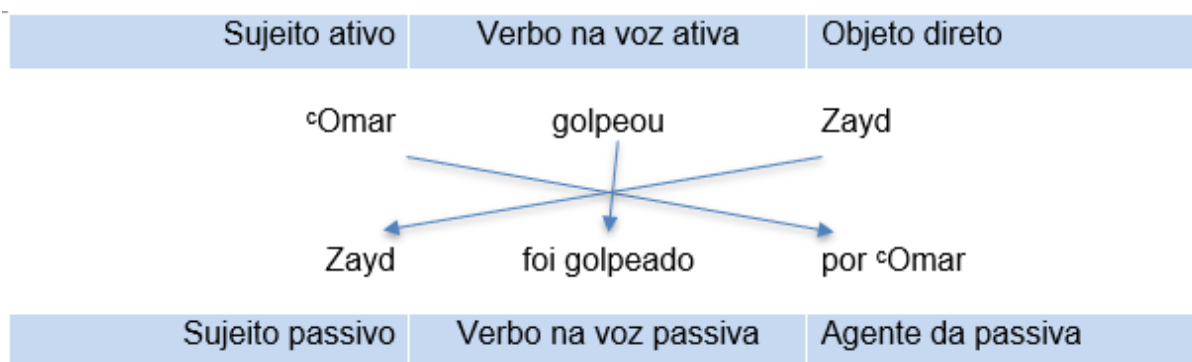
Na voz passiva é a “forma verbal que indica que a pessoa é o objeto da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se paciente da ação verbal” (BECHARA, 2009, p.222). Isto é, se quer atribuir ao paciente da ação verbal, de forma explícita, o papel de sujeito da oração

a. O carteiro [sujeito paciente] foi perseguido pelo cachorro.

A voz passiva apresenta duas formas de expressão: a voz passiva *analítica* e a voz passiva *sintética* ou *pronominal*.

**A passiva analítica** é a formação típica da voz passiva, construída por um dos verbos auxiliares *ser*, *estar* e *ficar* seguidos do particípio do verbo principal ou que se quer apassivar e que podem comunicar conteúdos que poderiam ser expressos pelas correspondentes formas ativas.

Para se construir uma oração passiva analítica, deve-se recorrer às seguintes transformações na voz ativa: (a) o objeto direto assume o lugar de sujeito da passiva; (b) o verbo na forma passiva analítica fica no particípio e é precedido do verbo auxiliar *ser* que ficará no mesmo tempo e modo em que se encontra o verbo na voz ativa; (c) o sujeito converte-se em agente da passiva.



Se numa oração da voz ativa o verbo transitivo direto estiver na 3ª pessoa do plural, indicando indeterminação do sujeito, na transformação para a passiva o agente não é expresso, e, nesse caso, o agente e o paciente continuam os mesmos, apenas executam função sintática diferente.

Voz ativa:

Voz passiva:

b. Aumentaram os salários (objeto).

Os salários (sujeito) foram aumentados.

c. Contiveram a inflação (objeto).

A inflação (sujeito) foi contida.

A **voz passiva sintética ou pronominal** é composta pelo verbo transitivo direto na 3ª pessoa (singular ou plural) + se (pronome apassivador ou partícula apassivadora) + sujeito paciente: “Sorteou-se o bilhete”, “Alugam-se casas”. A voz passiva sintética omite o sujeito da voz ativa e o agente da passiva analítica. Se o verbo da oração cujo agente se indetermina for transitivo direto, diz-se que o se é pronome apassivador e que a construção, na voz passiva, atribui ao paciente da frase o papel sintático de sujeito [...], com o qual o verbo passa a concordar”. (AZEREDO, 2014, p. 275)

Conforme explica Azeredo (2014, p. 274) esta construção deixa o agente do processo verbal obrigatoriamente indeterminado. O uso desta construção com a partícula apassivadora para expressar a indeterminação do agente na língua escrita padrão é especialmente utilizado no discurso ensaístico ou acadêmico, onde se pretende omitir o agente.

O uso das construções ativas e passivas são utilizadas de diversas formas para comunicar o mesmo conteúdo discursivo, porém há uma peculiaridade entre elas e a escolha de seu uso apresenta motivações discursivas ou pragmáticas importantes e que devem ser analisadas, pois a voz passiva permite destacar o paciente e omitir o agente da oração. Na língua árabe existe uma estratégia parecida,

mas que não é analisada pelos seus gramáticos tradicionais como “voz verbal”. Trata-se das orações onde os sujeitos são analisados como al-maʿalūm – o conhecido -, e al-majhūl – o desconhecido.



## 2. AL-MABNĪ LIL-MAJHŪL – ESTRATÉGIA APASSIVADORA ÁRABE

Como já abordado acima, os gramáticos árabes não apresentam o conceito de voz verbal assim como ele é analisado nas línguas ocidentais, porém existem meios correspondentes para representar as formas verbais ativas e passivas.

O conteúdo da voz passiva na língua árabe pode ser expresso de duas formas: *i)* flexional (ou interna) – envolvendo uma mudança do padrão das vogais dentro do verbo, ou *ii)* derivacional, que se caracteriza por ser uma forma verbal derivada de um verbo de origem (geralmente da forma V, VII e VIII).

Orações em que o sujeito é analisado como al-majhūl (desconhecido) distinguem-se das de sujeito al-maʿalūm (conhecido) por não empregar um agente em sua estrutura de frase, ou seja, aquele que executa ou é responsável por uma ação verbal é omitido e, na verdade, não pode ser mencionado (AGAMEYA, 2011, p.558). Neste caso, a passagem da voz ativa para a voz passiva sofre transformações estruturais. Tais transformações ocorrem tanto no âmbito morfológico quanto no sintático.

A morfológica (ou flexional/interna) ocorre por meio das alterações das vogais breves, que demarcam a voz e o tipo de verbo. O passado do verbo regular no passivo é formado pela sequência de vogais **u-i** (ḍamma /u/ seguido de kasra /i/), e o presente com **u-a** (ḍamma /u/ seguido de fatḥa /a/). Estas sequências vocálicas são sempre as mesmas independentemente das vogais originais da forma verbal ativa.<sup>2</sup>

A transformação sintática acontece ao eliminar o agente da voz passiva, e com a realocação do objeto em sujeito.

Em uma sentença de sujeito conhecido, o verbo deve concordar com ele em gênero<sup>3</sup>; se ele preceder o verbo, a concordância de número também deverá ocorrer<sup>4</sup>.

d) *kasara ṭ-ṭālibu l-bāba*  
O aluno quebrou a porta. (Voz ativa)

e) *kusira l-bābu*

<sup>2</sup> A vogal da segunda letra radical do verbo primitivo trilítero árabe de sujeito expresso (conhecido) é imprevisível e pode ser qualquer uma das três vogais breves do sistema vocálico árabe: /a/, /i/ ou /u/.

<sup>3</sup> Além de concordarem em pessoa e número, os verbos árabes têm desinências que assinalam o gênero.

<sup>4</sup> A ordem sintática canônica árabe é verbo+sujeito+objeto, e neste caso o verbo não precisa concordar em número com o seu sujeito, apenas se a ordem for sujeito+verbo+objeto é que ambos deverão concordar em número.

A porta foi quebrada. (Voz passiva)

Sobre esta passagem de ativa para passiva, Agameya (2011, p. 558) aponta:

Primeiro, o sujeito da frase é eliminado. Segundo, o objeto torna-se o sujeito da frase e recebe o caso nominativo. Terceiro, o verbo ativo muda para o passivo, mudando suas vogais, sendo a mudança dependente do tempo ou tipo de verbo [...]. Quarto, o verbo concorda em pessoa e gênero com o novo sujeito na ordem verbo-sujeito e em pessoa, gênero e número na ordem verbo-sujeito. (AGAMEYA, 2011, p.558, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Em virtude da relação entre as propriedades estruturais e semânticas do passivo em sua definição, o nome dado pelos gramáticos ressaltam sua característica marcante – a ausência do sujeito. Assim, o que corresponde à voz passiva em árabe é chamada de *al-majhūl* (o desconhecido), e essa informação é importante pois, de acordo com as regras gramaticais do árabe, *al-majhūl* não é usado se o autor de uma ação for mencionado.

Importante ressaltar que na ortografia árabe padrão moderno, as marcas que indicam as vogais breves raramente são utilizadas, tornando o verbo passivo na sua forma escrita idêntico ao seu equivalente ativo. Contudo, os leitores dificilmente se confundem, pois se orientam através da ausência do agente como indício sintático para expor a estrutura como passiva. Sendo assim, os textos em árabe apenas fazem uso das vogais breves quando ocorre a possibilidade de haver ambiguidade.

Haywood e Nahmad (1965, p.143) aconselham que – já que não é possível usar o passivo em árabe quando o autor do ato for mencionado, principalmente tratando-se de um humano –, em uma frase como “Muḥammad foi golpeado por Adel”, na passagem para o árabe, deverá ser empregado o equivalente a “Adel golpeou Muḥammad” ou “Adel foi quem golpeou Muḥammad”.

f) *ḡaraba ‘ādlu muḡammada*  
Adel golpeou Muḡammad.

g) *kāna ‘adlu āllaḡi ḡaraba muḡammada*  
Adel foi quem golpeou Muḡammad.

---

<sup>5</sup> First, the subject of the sentence is deleted. Second, the object becomes the subject of the sentence and receives nominative case. Third, the active verb changes into the passive by changing its vowels, the change being dependent upon the tense or type of the verb, as described below. Fourth, the verb agrees in person and gender with the new subject in the Verb-Subject order and in person, gender, and number in the Subject-Verb order. (AGAMEYA, 2011, p.558)

Os autores, porém, afirmam que é possível apresentar o instrumento com que a ação foi realizada por meio da partícula *bi-* (por/pelo/pela...), como pode ser observado em:

h) *kutīla l-fāris bi-s-sayfi*

O cavaleiro foi morto pela espada.

Do mesmo modo, na língua portuguesa, de acordo com Bechara (2009, p.434) nem todo termo introduzido pela preposição *por* exerce a função de agente, principalmente se apresentar traço não-animado. Neste caso, será classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio e *por* pode ser substituído por outra preposição ou por locuções prepositivas equivalentes.

i) O solo foi encharcado pela chuva.

O solo foi encharcado (por causa de) chuva.

j) Dulce foi traída pelo gesto.

Dulce foi traída (por meio de) gesto.

O gramático aponta que não se trata da relação sintática, mas é o contexto em que se encaixa a experiência comunicada que definirá se se trata de um complemento agente ou de um adjunto circunstancial ou adverbial.

Quanto à outra estratégia de passivização em árabe, vemos em Ryding (2005, p.657) que ela consiste em uma forma derivacional<sup>6</sup> do verbo (tipicamente as formas derivadas *tafa‘ala*, *infa‘ala* ou *ifta‘ala*). Tais derivações apresentam um sentido passivo ou reflexivo próprio da ação envolvida no verbo do qual deriva, mesmo estando com a sequência vocálica na forma ativa, isto é, não existe mudança no jogo vocálico para que ela expresse um sujeito passivo. A autora afirma que o tipo de ação que denota a passividade derivacional é chamado em árabe como */muṭāwi‘a/* ‘obediência, conformidade’ porque “reflete um estado resultativo do objeto (*fataḥtu l-bāba fa-nfataḥa* ‘Eu abri a porta e ela está aberta’).” (RYDING, 2005, p.657)

De acordo com Lima (2017, p.96) ocasionalmente, há a possibilidade de escolha pelo uso da construção da passiva flexional ou derivacional, dependendo da possibilidade de sua existência para alguns verbos. É o caso do verbo “abrir”: */fataḥa/* e “ser/estar aberto” */infataḥa/*, dos exemplos a seguir:

---

<sup>6</sup> Na língua árabe, os verbos são trilíteros, ou seja, formados por três letras radicais. A partir desse verbo trilítero primitivo é possível formar novos verbos. Existem 15 formas de paradigma, dos quais apenas 10 são de uso comum. Eles são referidos por algarismos romanos em livros de gramática e dicionários ocidentais.

Ativa

k) *fataḥa l-waladu l-bāba*  
O menino abriu a porta.

Passiva Flexional

l) *futiḥa l-bāba*  
A porta foi aberta.

Passiva Derivacional

m) *Infataḥa al-bābu*.  
Abriu-se a porta/ A porta foi aberta.

A autora lembra, no entanto, “que nem todo verbo que admite voz passiva terá uma contrapartida gramaticalizada pelos processos de derivação”. (LIMA, 2017, p.96)

Vale ressaltar os estudos de Wright (1896, p.49) que denomina as duas estratégias árabes de passivização do sujeito como **voz passiva** e a define como objeto afetado por um ato (passivo pessoal), ou a ideia abstrata do ato (passivo impessoal) chamada em árabe de *fiʿlu mā lam yusammu l-fāʿilihi* (lit. "verbo cujo agente não é nomeado") ou *ṣiġatu l-mafʿūli* (“o molde ou a forma do paciente”). O autor informa também, na mesma página, que a voz passiva árabe é especialmente utilizada em quatro casos: (a) quando Deus, ou algum ser superior, é indicado como autor do ato; (b) quando o autor é desconhecido, ou pelo menos não conhecido ao certo; (c) quando o orador ou escritor não deseja nomeá-lo; (d) quando a atenção do ouvinte ou leitor é mais dirigida à pessoa afetada pelo ato (o paciente), do que ao seu executor (o agente).

Em seu artigo, Yasin (1996, p.20) considera que o árabe parece evitar as formas verbais passivas e não favorecer o uso delas em suas sentenças, optando pelo uso da forma ativa quando se quer expressar o sujeito que pratica a ação do verbo. Diferentemente de outras línguas que fazem uso abundante do verbo passivo e que possibilita manifestar ou não o agente na oração. Entretanto, devido à influência europeia, a língua árabe vem apresentando estratégias de passivização que expõe o agente, embora essas práticas nem sempre devam ser seguidas, pois muitas vezes indicam um pouco conhecimento por parte do usuário de estratégias mais eficazes disponíveis na língua, como veremos a seguir.

### 3. O EMPREGO DAS ESTRATÉGIAS DE PASSIVIZAÇÃO NAS LÍNGUAS ÁRABE E PORTUGUESA E A QUESTÃO DO AGENTE

Os gramáticos da língua portuguesa, em sua maioria, abordam a questão do agente da passiva de forma semelhante entre si. Por exemplo, para Cunha e Cintra (2017, p.161) o agente da passiva “é o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito.” Segundo Rocha Lima (2011, p. 313) o agente da passiva “representa o ser que praticou a ação verbal” e que “pode declinar de importância a ponto de ser omitido”. Já Bechara (2009) e Rocha Lima (2011) destacam o fato de o agente da passiva poder ser omitido, pois isso ocorre devido ao seu grau de relevância ou não para o contexto. Outra questão, é o tipo de relação que o agente tem com o sujeito e com o complemento direto, pois numa transformação de estrutura passiva para ativa, o complemento agente passa a ser sujeito. A construção passiva denominada “passiva sintética” não é acompanhada de complemento agente, como ocorre na passiva analítica.

A estratégia que equivale à voz passiva no árabe tem como norma nessa língua expressar um ato cujo agente não é conhecido ou é suprimido, e em teoria, não pode ser mencionado. Posto isso, embora em determinadas construções o agente da passiva seja dispensável, esta regra seria inviável em estruturas passivas de outras línguas, cujo agente é indispensável para a compreensão exata do que o contexto quer expressar. Em uma frase como “Este livro foi escrito por Machado de Assis”, o agente tem papel fundamental para dar sentido a esta frase. Para a tradução em árabe, esta oração se transformaria em voz ativa, perdendo o sujeito *livro* seu papel relevante no contexto passivo.

As principais gramáticas do português brasileiro limitam-se a abordar a questão da voz passiva no âmbito da sintaxe, mencionando apenas termos semânticos como “paciente” e “agente”. Contudo, observa-se que semanticamente o uso da voz passiva é usado para dar ênfase ao paciente, através de uma topicalização do termo. Com isso, permite-se a ausência do uso do agente da passiva, pois o foco está no paciente. Como explica Oliveira (2004, p.52) “a voz passiva pode ser definida como um mecanismo gramatical para topicalizar um sintagma nominal cujo papel temático é o de paciente. Em outras palavras, a voz passiva retira o agente de foco.”

O agente da passiva pode ser suprimido por ser irrelevante – quando uma sentença se apresenta óbvia, ou seja, não há a necessidade de mencioná-lo – ou por ser ignorado. Quando é expresso na sentença passiva, ele ocorrerá pela sua importância na informação, como na frase já vista: “Este livro foi escrito por Machado de Assis” e por isso, torna-se necessário mencioná-lo. O segundo motivo refere-se ao efeito que ele pode causar ao leitor ou ao ouvinte, por ser um agente inesperado, como: “A festa foi organizada pelo meu filho”.

Outro fator de importância sobre o uso da voz passiva trata-se do momento que ela tende a ser mais usual. Lembrando de que na oralidade seu uso é menos frequente na fala dos brasileiros. Segundo Biber (2007), em muitos textos expositivos em prosa, em especial os artigos e periódicos acadêmicos, o uso da voz passiva, assim como o uso da 3ª pessoa do discurso, tende a ser mais usado devido ao distanciamento que os autores devem ter dos textos, atendendo à tradição científica acadêmica.

As notícias jornalísticas também tendem a usar a voz passiva, mas por razões diferentes. Frequentemente, o foco de uma história é um acontecimento envolvendo uma pessoa ou instituição afetada, e o agente desse acontecimento pode ser fácil de deduzir, já mencionado ou irrelevante. Desse modo, com um objetivo jornalístico de economizar espaço e enfatizar o que é novo, é natural omitir esses agentes.

Dentre os vários mecanismos utilizados na comunicação, as vozes verbais (voz ativa e voz passiva) indicam que tipo de relação se realizará em um discurso. Entretanto, segundo Badawi, Carter e Gully (2004) o Árabe Padrão Moderno tem expressado na frase o agente. Os autores observaram com base em um *corpus* de árabe escrito atual, que o agente tem sido expresso seguindo uma série de preposições. Eles atribuíram o surgimento da frase agente preposicional a influências das línguas europeias.

As formas utilizadas para a frase agente apontadas pelos autores são:

i) Agentes perifrásticos dos verbos passivos – que são adicionados à frase passiva através da inclusão de *min qibali* (por parte de) e outros itens lexicais como *min jānibi* (da parte de), *bi-wāsiṭati* (por meio de), *‘alā āyḍī* (lit. pelas mãos de). Os exemplos a seguir adaptados por Badawi, Carter e Gully (2004) ilustram essa ordem:

n) *‘uṭliqat ‘alayhi l-nāru min qibali ‘iṣābātī l-māfiyā*  
Ele foi alvejado por uma gangue da máfia.

o) *tuqadamu l-‘iršādātu min jānibi ‘idārati ḥdmati l-zurrā‘i*

As instruções são oferecidas pela Direção de Serviços aos Agricultores.

p) *‘udīna bi-wāsiṭati l-mahākimi l-‘askariyyati*

Ele foi condenado pelos tribunais militares.

q) *qad ‘ūlija ‘alā ‘ayḍi ‘aṭibā’ maharatin*

Ele foi tratado por médicos competentes.

ii) Instrumento do verbo passivo – os autores (2004, p.386) afirmam que o verdadeiro instrumento de um verbo passivo é *bi-*.

s) *juhūduhu lam tukall bi-l-najāḥi*

Os seus esforços não foram coroados por/ com sucesso.

Do mesmo modo, Agameya (2011) salienta que em ambas variedades, padrão e falada, uma frase preposicional contendo o instrumento pode ser utilizada, porém não deve ser confundida com sintagma preposicionado do agente. Outros gramáticos também fazem essa análise do sintagma seguido por *bi-*, como já vimos no início desta pesquisa ao apontarmos os autores Haywood e Nahmad.

Já, segundo Yasin (1996, p.22), essas estratégias apontam um desconhecimento mais profundo dos meios disponíveis na gramática árabe de expressar tais orações passivas, nas quais a presença do agente é imprescindível: “Não se deseja que a tradução pareça “estrangeira” – efeito inevitável se as sentenças passivas se utilizam de *min qibali* para exibir o agente, sob a influência das línguas europeias” (YASIN, 1996, p.21)<sup>7</sup>.

O autor explica a existência de uma construção disponível na gramática árabe que permite que o sujeito paciente seja tópico e que o agente da ação seja mencionado e, no entanto, esta construção seja natural. Esta formação é conhecida como estrutura tópico-comentário e permite que qualquer núcleo nominal na sentença fique na posição de tópico enquanto deixa o seu lugar de origem para um pronome de retomada.

r) *al-rusuumu yadfa ‘uha l-mushtari*  
as-taxas (NOM) paga-‘elas’ o-comprador (NOM)  
As taxas, o comprador pagam-nas/ paga elas.

Ou dito mais naturalmente em português, reconhecendo no uso árabe uma forma de pôr em evidência o sujeito passivo: “As taxas são pagas pelo comprador”.

<sup>7</sup> One does not want the translation to sound ‘foreign’ – an unavoidable effect if passive sentences use *min qibali* to show doers, under the influence of European languages. (YASIN, 1996, p.21).

Esta estratégia não apassivou a sentença árabe, ela continua na forma ativa, porém permitiu posicionar o objeto para tópico-comentário, e nesse caso, é passivo, pois ele não realizou a ação do verbo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo, observar como as gramáticas árabes, que tratam da língua na sua modalidade escrita, apresentam o sujeito quanto à sua atuação passiva ou ativa no contexto, e quais seriam as possíveis diferenças ou semelhanças através de uma perspectiva contrastiva com a sua contrapartida na língua portuguesa.

Levando-se em consideração que os manuais de ensino da língua árabe não usam a mesma terminologia empregada nas línguas ocidentais “voz passiva”, nesta pesquisa usamos o termo “estratégia de passivização” para o que os gramáticos tradicionais árabes chamam de “al-mabnī lil-majhūl” (lit. o construído para o desconhecido), no caso da construção flexional, ou al-muṭāwī‘ (o obediente), no caso das construções com verbos derivados de acepção passiva.

Observou-se que ambas as línguas apresentam modos distintos de marcar o papel ativo ou passivo de seu sujeito, como podemos observar nas análises seguintes:

- a) Assim como no árabe, como já apontado supra, na língua portuguesa a voz passiva expressa-se com duas variantes: passiva analítica e sintética. A passiva analítica possibilita a presença ou não de um agente, já a passiva sintética distingue-se por deixar o agente completamente omissa, como é o caso da construção árabe denominada al-majhūl, pois o desconhecido aqui é justamente o agente da passiva;
- b) Quanto as formas verbais, a língua árabe mostra que o próprio verbo pode marcar a situação passiva do sujeito através da transformação de sua sequência vocálica. Na forma derivacional, o próprio verbo apresenta sentido passivo ou reflexivo da ação envolvida no verbo do qual deriva. Já a língua portuguesa, não apresenta recurso morfológico verbal próprio para marcar a passiva, como é o caso da língua árabe e lança mão do apoio de um verbo auxiliar, seguido do particípio do verbo principal, na voz passiva analítica, ou da presença da partícula apassivadora, nos casos de passiva sintética;

- c) Dentre as distinções entre as duas línguas, podemos destacar que a mais relevante é a impossibilidade gramatical da estratégia passiva árabe de expressar, numa oração de sujeito passivo, o agente.

A língua tem sofrido transformações ao longo dos anos e desenvolveu estruturas que refletem as construções passivas das línguas ocidentais, possibilitando o surgimento de agente em sua sentença, de acordo com os modelos ocidentais. No entanto, há autores que optam por empregos mais tradicionais, sem o recurso de usar estratégias que deixam a língua árabe com um aspecto “estrangeiro”.

Deve-se assinalar, também, que este trabalho apontou apenas para uma pequena mostra do assunto, ao ser limitado à pesquisa apenas em gramáticas, porque sempre há de se traçar um limite para qualquer pesquisa. No entanto, ele pretende ser o início da busca por um conhecimento mais profundo do assunto a ser desenvolvido na sequência dos estudos da língua árabe em cursos de pós-graduação *lato-sensu* e *stricto sensu*.

## REFERÊNCIAS:

AGAMEYA, A. Passive (Syntax). In: Versteegh, V. et al. (eds.). **Encyclopedia of Arabic Language and Linguistics**, 3. Leiden-Boston: Brill, 2008.

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.

BADAWI, E., CARTER, M. G. and GULLY, A. **Modern Written Arabic: A Comprehensive Grammar**. London and New York: Routledge, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed., RJ: Nova Fronteira, 2009.

BIBER, D.; JOHANSSON, S.; LEECH, G. et al. **Longman grammar of spoken and written English**. China, Longman, 1999. 1.204 p.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2017.

HAYWOOD, J. A.; NAHMAD, H.M. **A New Arabic Grammar of the Written Language**. London: Lund Humphries, 1965, 142p.

LIMA, Suely Ferreira. **Do tempo e do aspecto entre o árabe e o português**. 2017. 241 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Luciano A. **O ensino pragmático da voz passiva**. Calidoscópio (UNISINOS) <sup>JCR</sup>, São Leopoldo, v. 2, n.1, p. 49-54, 2004.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RYDING, Karin C. **A Reference Grammar of Modern Standard Arabic**. New York: Cambridge University Press, 2005.

WRIGHT, W. **A Grammar of the Arabic Language**. Third Edition, Volume I, Cambridge: At the University Press, 1896.

EL-YASIN MOHAMMED, K. THE PASSIVE VOICE: A PROBLEM FOR THE ENGLISH-ARABIC TRANSLATOR. **Revue internationale de la traduction / International Journal of Translation**. Volume 42, Number 1, 1996, pp. 18-26(9)

.